

A CONSTRUÇÃO DE PEDAGOGIAS CONTRACOLONIAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA, AREAL-RJ

Camila Daniel¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre os processos de produção e compartilhamento de conhecimentos e construção de identidades negras no centro-sul fluminense. Como estudo de caso, me debruço sobre a rede construída entre o Quilombo Boa Esperança, em Areal, Rio de Janeiro e professores e ativistas negros da região. Nesta interação, eles elaboram um pedagogia que, ultrapassando as paredes das escolas e universidades e as páginas do livros, desafia as dicotomias entre quem ensina versus quem aprende, o saber acadêmico versus saber popular, razão versus corpo e emoção característicos da metafísica moderna cartesiana e consolidam uma relação de ensino e aprendizado mediada pelo afeto. Este trabalho se baseia no trabalho de pesquisa-ação e extensão por meio de metodologias participativas e etnográficas que venho desenvolvendo com a comunidade quilombola Boa Esperança desde março de 2022.

Palavras-chave: educação, intelectuais negros; contracolonial; quilombo

THE CONSTRUCTION OF COUNTER-COLONIAL PEDAGOGIES IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF BOA ESPERANÇA, AREAL-RJ

ABSTRACT

This article aims to reflect on the processes of producing and sharing knowledge and building black identities in the center-south of Rio de Janeiro. As a case study, I look at the network built up between the Boa Esperança

¹ Antropóloga. Professora do Programa de Pós-graduação em Patrimônio, cultura e sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-doutora pelo Departamento de World Languages e International Studies da Morgan State University. Doutora em Ciências Sociais/PUC-RJ. Professora visitante do Institute of Latin American Studies (ILAS) da Columbia University (2021). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Três Rios, Departamento de Ciências Administrativas e Sociais, Três Rios, RJ, Brasil. E-mail: camiladaniel@ufrj.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1199-2028> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2495291912706090>

Quilombo in Areal, Rio de Janeiro and black teachers and activists in the region. In this interaction, they develop a pedagogy that, going beyond the walls of schools and universities and the pages of books, challenges the dichotomies between who teaches versus who learns, academic knowledge versus popular knowledge, reason versus the body and emotion characteristic of modern Cartesian metaphysics and consolidates a teaching and learning relationship mediated by affection. This work is based on the action-research and extension work using participatory and ethnographic methodologies that I have been developing with the Boa Esperança quilombola community since March 2022.

Keywords: education, black intellectuals; countercolonial; quilombo

LA CONSTRUCCIÓN DE PEDAGOGÍAS CONTRACOLONIALES EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE BOA ESPERANÇA, AREAL-RJ

RESUMEN

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre los procesos de producción e intercambio de conocimientos y de construcción de identidades negras en el centro-sur de Río de Janeiro. Como estudio de caso, examino la red construida entre el Quilombo Boa Esperança, en Areal, Río de Janeiro, y profesores y activistas negros de la región. En esta interacción, desarrollan una pedagogía que, yendo más allá de los muros de las escuelas y universidades y de las páginas de los libros, desafía las dicotomías entre quien enseña versus quien aprende, el saber académico versus el saber popular, la razón versus el cuerpo y la emoción características de la metafísica cartesiana moderna, y consolida una relación de enseñanza y aprendizaje mediada por el afecto. Este trabajo se basa en el trabajo de investigación-acción y extensión con metodologías participativas y etnográficas que he desarrollado con la comunidad quilombola Boa Esperança desde marzo de 2022.

Palabras clave: educación, intelectuales negros; contracolonial; quilombo

LA CONSTRUCTION DE PÉDAGOGIES CONTRE-COLONIALES DANS LA COMMUNAUTÉ DE BOA ESPERANÇA QUILOMBOLA, AREAL-RJ

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est de réfléchir aux processus de production et de partage des connaissances et de construction des identités noires dans le centre-sud de Rio de Janeiro. Comme étude de cas, j'examine le réseau construit entre le Boa Esperança Quilombo à Areal, Rio de Janeiro, et les enseignants et activistes noirs de la région. Dans cette interaction, ils développent une pédagogie qui, au-delà des murs des écoles et des universités et des pages de livres, remet en question les dichotomies entre qui enseigne et qui apprend, le savoir académique et le savoir populaire, la raison et le corps et l'émotion, caractéristiques de la métaphysique cartésienne moderne, et

consolide une relation d'enseignement et d'apprentissage médiatisée par l'affection. Ce travail est basé sur la recherche-action et le travail de vulgarisation utilisant des méthodologies participatives et ethnographiques que je développe avec la communauté quilombola de Boa Esperança depuis mars 2022.

Mots-clés: éducation, intellectuels noirs; contre-colonial; quilombo

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre o Quilombo como um território e uma epistemologia de circulação de conhecimentos transdisciplinares e intergeracionais que forjam o que chamo de pedagogia contracolonial, a partir da experiência da comunidade remanescente de quilombo Boa Esperança, localizada em Areal, Rio de Janeiro. Parto de um diálogo entre a definição de contracolonial elaborada pelo mestre e intelectual quilombola Nego Bispo e de “pedagogia engajada” da escritora e intelectual negra estadunidense bell hooks (2017). Bispo define o contracolonialismo como a agência das populações negras de rejeitar a dominação colonial, ao mesmo tempo em que cria novos sentidos e conceitos para suas próprias vidas (Bispo Dos Santos, 2023). Por sua vez, bell hooks define a pedagogia engajada como um processo de ensino e aprendizado que tem como foco o bem-estar, a autoatualização e o compartilhamento de conhecimento e experiências que fomenta a liberdade (Hooks, 2017).

Nos últimos anos, a comunidade remanescente de quilombo Boa Esperança tem recebido pesquisadores, técnicos e políticos que se oferecem para “ajudar o Quilombo”. Tal relação, apesar de imbuída de boas intenções, muitas vezes difunde uma imagem de Boa Esperança como um local de ausências e carências que reforça o racismo epistêmico. No entanto, a comunidade elabora caminhos próprios para afirmar uma identidade coletiva que ancoram a construção de vínculos com seu território e possibilita a construção de uma territorialidade afrodiaspórica com pesquisadores, artistas, atividades, professores e estudantes negros não-quilombolas do Brasil e do exterior. Juntos, eles elaboram um pedagogia que, ultrapassando as paredes

das escolas e universidades e as páginas do livros, desafia as dicotomias entre quem ensina versus quem aprende, o saber acadêmico versus saber popular, razão versus corpo e emoção característicos da metafísica moderna cartesiana e consolidam uma relação de ensino e aprendizado mediada pelo afeto.

Além desta introdução, este artigo está organizado em quatro partes. Na primeira, apresento uma breve contextualização do Quilombo Boa Esperança, sua história e o papel da educação formal na sua dinâmica. Na segunda parte, discuto o importante papel que a prática e ensino da capoeira por capoeiristas do próprio Quilombo ter exercido na construção de uma identidade étnica entre os quilombolas, ao mesmo tempo que, através da negritude, os conectam com uma comunidade afrodiaspórica. Na terceira, reflito sobre a minha inserção no Quilombo, quando sou acolhida como uma aprendiz que tem como um de meus principais mestres uma criança quilombola.

Na quarta e última parte, eu reflito sobre a urgência de questionar as pedagogias na universidade, por meio do que defino como pedagogia contracolonial. Embora o debate sobre a educação para as relações etnicorraciais na educação básica seja amplo, ainda necessitamos consolidar este debate para o ensino universitário, não apenas nas licenciaturas, mas também nos cursos de bacharelado. Como professora universitária de cursos de bacharelado, proponho a pedagogia contracolonial como um processo de produção de conhecimento que tem como base o afeto, a valorização dos saberes locais e das experiências pessoais, o respeito às subjetividades, a constante circulação entre Quilombo, cidade, sociedade civil e universidade, ensino, pesquisa e extensão, desafiando as hierarquias - de geração, raça, classe, gênero - que reproduzem o racismo epistêmico. Tal pedagogia fortalece as identidades negras de quilombolas, intelectuais, professores e estudantes universitários, fazedores de cultura, potencializando a construção de territorialidades afrodiaspóricas.

PEDAGOGIA NO QUILOMBO ALÉM DO QUE A ESCOLA ENSINA

Localizado na zona rural de Areal, no centro-sul do Rio de Janeiro, o Quilombo Boa Esperança reúne cerca de 101 famílias. Em 2013, a comunidade

foi formalmente reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Palmares, recebendo o seu laudo antropológico. Desde então, ela luta pela regularização da titulação de seu território pelo INCRA. Um dos empecilhos para a regularização da terra é a ocupação de parte da área do Quilombo por não-quilombolas e a pressão da especulação fundiária.

Antes da abolição da escravidão, a área do Quilombo era uma fazenda sob propriedade de Domingos Pereira da Costa. De acordo com relatos da história oral, o então proprietário doou as terras para Deolinda Maria da Conceição, mulher negra que foi escravizada que exerceu a tarefa de cuidadora de Domingos quando ele era criança. Segundo estes relatos, a fazenda foi doada para Deolinda e outras 15 famílias negras que ainda moravam na fazenda. Ainda de acordo com relatos em história oral, a ideia de entrar com o pedido de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo para a Fundação Palmares foi aventada por pesquisadores e técnicos de fora do Quilombo que, atentos à história oral e à forte presença negra na localidade, compartilharam informações sobre o processo e auxiliaram a comunidade a conseguir o reconhecimento pela Fundação Palmares. Hoje, Boa Esperança almeja fortalecer a transmissão da memória para as novas gerações como forma de proteger seu território, resistir contra o racismo e fortificar nelas o orgulho de ser quilombola.

Em seu território, o Quilombo Boa Esperança abriga a Escola Municipal Donária Maria Barbosa, que oferece aulas da educação infantil até o primeiro segmento do ensino fundamental, atendendo cerca de 80 crianças do Quilombo e do bairro Vila Dantas. A maioria absoluta das crianças são negras. Todas as professoras que ensinam na Escola são de fora do Quilombo, na sua grandíssima maioria brancas. A Escola já teve uma professora contratada que também é quilombola, a professora Mônica. Enquanto trabalhou na escola do Quilombo, que, inclusive, fica a alguns poucos passos de sua própria casa, Mônica desenvolveu um trabalho de resgate das memórias do Quilombo. Neste trabalho, as crianças entrevistaram os quilombolas mais idosos de Boa Esperança, fazendo registros visuais e escritos. Este trabalho deixou marcas

muito positivas no Quilombo, abrindo um caminho de interação mais profunda entre as gerações das crianças e dos idosos.

Muitos quilombolas comentam que as crianças ficaram muito felizes em realizar o trabalho e gostariam que eles continuassem, inclusive nas outras turmas nas quais Mônica não era a professora designada. No entanto, Mônica foi aprovada no concurso para outro município e não pode continuar na escola do Quilombo. Além do trabalho realizado pela professora Mônica, a escola do Quilombo não está inserida nos parâmetros da educação quilombola como prevista pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, de 2012 (Brasil, 2012), uma importante demanda das lideranças locais. Eles reconhecem a importância da educação formal, ao mesmo tempo que se preocupam que esta educação não reproduza padrões embranquecidos. As lideranças locais reivindicam que a escola esteja comprometida a valorizar os saberes quilombolas e afro-brasileiros que fortaleçam a auto-estima das crianças quilombolas.

A partir do segundo segmento, as crianças e adolescentes do Quilombo precisam se deslocar para outras escolas da região. Para os adultos do Quilombo, esta transição é acompanhada de muita preocupação. Muitos deles lembram que é no momento que se inseriram na escola fora do Quilombo que precisaram enfrentar o racismo em diversos níveis: por exemplo, na interação com seus colegas de turma, professores e aquele reproduzido pelo currículo. Por isso, além de se preocupar com a educação formal oferecida na escola do Quilombo e a reivindicação pela construção e implementação da educação quilombola, as lideranças locais também demandam que as outras escolas localizadas no município invistam em educação para as relações étnicorraciais, o que inclui aplicar a lei 10639/2003, que institui o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica. Há uma preocupação de que as escolas locais estejam preparadas para receber os e as estudantes quilombolas, ao mesmo tempo que eduquem as crianças e adolescentes arealeenses para reconhecer a diversidade da sociedade local e construir relações mais igualitárias com a população do quilombo. Mesmo quando não usam os conceitos específicos ao campo dos estudos de relações raciais e

educação, as lideranças da comunidade compartilham a ideia de que de educação para as relações étnicorraciais, para ter feito, precisa alcançar os alunos quilombolas e não-quilombolas, assim como o corpo docente, devendo incluir a mudança do currículo, mas também dos comportamentos (Cavalleiro, 2006).

Além das aulas da rede pública de ensino, que acontecem pela manhã, o espaço da escola é utilizado como ponto de encontro da comunidade para reuniões, eventos e ainda para as aulas de capoeira. A prática da capoeira foi levada para o Quilombo pelo mestre Bolinha e o contra-mestre Véza, dois irmãos que, além de capoeiristas, também pertencem à comunidade de Boa Esperança. As aulas de capoeira acontecem semanalmente e são abertas aos quilombolas de todas as idades. No ano passado, uma quilombola e capoeirista experiente formada por Bolinha e Véza começou a estagiar na escola Donária Maria Barbosa na área de educação física, incorporando a prática da capoeira também no cotidiano da educação formal.

A EDUCAÇÃO CAPOEIRA: A RAÍZ QUE UNE ENQUANTO EXPANDE

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que ao longo da história sofreu com a criminalização, mas que foi apropriada pelo Estado brasileiro como símbolo da identidade nacional. O reconhecimento da capoeira como manifestação cultural eminentemente brasileira tem como marco o seu registro como patrimônio cultural imaterial, em 2008. Este movimento se coaduna com a consolidação da luta pela ampliação da noção de democracia pós-ditadura militar, que inclui o reconhecimento de direitos culturais, da diversidade da nação brasileira e do direito coletivo dos quilombolas ao acesso à terra. Tal perspectiva contribuiu para a ampliação da própria noção de patrimônio, que deixou de valorizar apenas monumentos que remetiam à presença europeia no Brasil (Oliveira, 2024), para reconhecer bens culturais materiais e imateriais de origem afro-brasileira e indígena, ressaltando o direito à memória desses grupos (Abreu E Mattos, 2009). Esta transformação na noção de patrimônio abriu espaço para a inserção da capoeira na educação

formal, como se deu no Programa Mais Educação, em Nova Iguaçu, na baixada fluminense (Pereira, 2016).

A prática da capoeira na comunidade quilombola Boa Esperança tem exercido um importante papel na construção de uma identidade coletiva baseada na negritude, ultrapassando, inclusive as diferenças religiosas. Muitos quilombolas são praticantes da fé evangélica, filiando-se a correntes que temem que uma conexão com a negritude signifique necessariamente a prática de religiões de matrizes africanas, como acontece em outros territórios quilombolas no Rio de Janeiro, como por exemplo, no Quilombo da Rasa, na região dos lagos (Carmo, 2019) e em territórios urbanos que inclui o ensino de capoeira na escola (Pereira, 2016). Muitos moradores de Boa Esperança inclusive questionam a própria identidade quilombola por temer uma conexão com o candomblé, o que, muitas vezes, dificulta a construção de projetos coletivos que exigem a participação e a unidade da comunidade.

No exercício da capoeira em Boa Esperança, o contramestre Véza enfatiza que ela é um legado ancestral afro-brasileiro que não tem vínculos religiosos, fazendo uma distinção entre cultura e religião, muito similar à comunidade da Rasa (Carmo, 2019). Ele inclusive tem muitos alunos que são evangélicos e se coloca à disposição para conversar com seus líderes religiosos, explicando para eles a importância da capoeira na preservação da cultura negra e pela luta do Quilombo por seu território. Assim, a capoeira tem exercido uma função agregadora no Quilombo, possibilitando o autorreconhecimento da comunidade como quilombola e negra, apesar das diferenças religiosas.

No caso do ensino de capoeira numa escola em Nova Iguaçu no contexto do Programa Mais Educação, Pereira (2016) que a instrutora de capoeira resolvia os conflitos religiosos enfatizando que a capoeira não tem a ver com religião, mas que ela é um esporte. O autor discute que esta saída, ao apaziguar os conflitos, também esvazia o capoeira de seu sentido étnico e, por tanto, político. No caso de Boa Esperança, ao ser acessada como uma cultura que caracterizaria o próprio Quilombo, a prática da capoeira propicia a construção de um espaço de ensino e aprendizado intergeracional que

fortalece os vínculos entre os e as praticantes por meio dos movimentos do corpo e da musicalidade, elementos que integram os valores civilizatórios afro-brasileiros e consolidam a multidimensionalidade da capoeira.

Baseando-se nas epistemologias desenvolvidas pelas populações negras em diferentes campos da vida social brasileira, Trindade (2013) elaborou o que definiu como “valores civilizatórios afro-brasileiros” para a educação, sendo eles: circularidade, memória, ancestralidade, oralidade, corporeidade, comunitarismo, ludicidade, musicalidade, religiosidade e energia vital. No registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2008, ela foi reconhecida como uma manifestação cultural que abarca o canto, o toque dos instrumentos, a dança, a luta, a brincadeira e os rituais de influência africana (Pereira, 2016). Assim, podemos considerar a roda de capoeira como um exemplo dos valores civilizatórios brasileiros em ação.

A capoeira em Boa Esperança exerce um importante papel na coesão interna da comunidade. Ela é considerada um importante marcador étnico e, por isso, é uma presença ilustre nos eventos da comunidade. Desde 2022, a comunidade realiza dois grandes eventos abertos ao público: o festival Beleza do Quilombo, que acontece no final do primeiro semestre, e a feijoada em novembro, em homenagem a Zumbi dos Palmares. Em ambos eventos, a roda de capoeira é uma das atrações, contando com a participação dos e das praticantes do Quilombo e também de outras localidades da região. Muitas vezes, a roda de capoeira é acompanhada pelo maculelê e o samba.

O exercício da capoeira no Quilombo também fomenta a construção de redes do Quilombo com outros grupos e coletivos através da cultura negra. Um exemplo é a articulação entre o contramestre Véza, o mestre Careca e a graduada Morena, praticantes de capoeira e fundadores da ONG Negro Sim, no município de Paraíba do Sul. Fundada em 2016, a ONG Negro Sim oferece aulas gratuitas de capoeira para crianças e jovens em diferentes bairros da periferia de Paraíba do Sul, além de desenvolver projetos como a biblioteca itinerante Conceição Evaristo e o ensino de LIBRAS. Regiane, cujo nome de batismo na capoeira é graduada Morena, é formada em Pedagogia e atua como professora

concurada na rede municipal de Paraíba do Sul. Unindo sua formação em capoeira e em Pedagogia, ela levou a prática da capoeira para a escola municipal onde está lotada, como parte de sua carga horária docente.

Em julho de 2023, uma articulação entre o Quilombo Boa Esperança, a ONG Negro Sim e o Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, através de um projeto de extensão coordenado pela professora Camila Daniel, realizou um encontro no Quilombo. O encontro incluiu a visita ao Quilombo de professores de duas universidades estadunidenses, uma professora da PUC-Rio e seus familiares, que realizaram uma doação de livros para a futura biblioteca do Quilombo. Entre os livros doados estava “A bailarina que pintava sua sapatilha”, escrito pela renomada bailarina negra Ingrid Silva, que integra o Dance Theater of Harlem.

Herbert Seignoret, diretor acadêmico do Collin Powell School for Civic and Global Leadership da City College of New York (CCNY), um dos professores estadunidenses que se uniu à visita ao Quilombo e que realizou a doação de livros, conheceu em Nova Iorque, cidade onde reside, a produtora de Ingrid que ela enviasse uma mensagem para as crianças do Quilombo Boa Esperança. Gentilmente, Ingrid atendeu ao pedido. Num dos intervalos de seu espetáculo em Nova Iorque, ela enviou a seguinte mensagem para as crianças do Quilombo Boa Esperança.

Olá pessoal do Quilombo Boa Esperança. Meu nome é Ingrid Silva e eu tô muito, muito, muito feliz que vocês tiveram a oportunidade de tá com meus livros aí juntos de vocês. Eles foram escritos com muito carinho, pensando em cada criança que tem um sonho e possibilidades e precisa de uma chance. Espero que esse livro possa te inspirar e te fazer sempre acreditar no seu sonho. (vídeo de Ingrid Silva para a comunidade Boa Esperança, 29 de julho de 2023)

No mesmo dia, a pedagoga Regiane/ graduada Morena, acompanhada de seu marido e dois de seus filhos, mediou uma sessão de contação de história, com o livro “O herói de Damião”, de Iza Lotito. Regiane e sua família respeitosamente pediram licença ao contramestre Véza e à comunidade de Boa Esperança para mediar a história. Ao longo da história, as crianças e os adultos que acompanhavam a contação foram convidados a repetir os movimentos que Damião, o menino protagonista do livro, fazia, admirando seu mestre de

capoeira, seu herói. O término da contação da história culminou com uma roda de capoeira, iniciada por Regiane, sua família e contramestre Véza, que logo convidaram o público para participar. Além de acompanhar com palmas e tentando cantar as canções que embalaram a roda de capoeira, o público também foi convidado para arriscar alguns movimentos de capoeira dentro da roda. Deixando de lado a formalidade de seus títulos, Camila e Herbert aceitaram o convite. No seu retorno a Nova Iorque, onde reside, Herbert pensou em continuar praticando capoeira num dos grupos da cidade, plano que não chegou a concretizar. Por outro lado, Véza e um dos filhos de Regiane que esteve no Quilombo cogitaram a possibilidade de buscar financiamento para viver a experiência da capoeira nos Estados Unidos, com possíveis contatos que Herbert poderia mediar.

No cotidiano de Boa Esperança, a capoeira se tornou um elo que une a comunidade, fundamentando internamente um sentimento de pertencimento como quilombola que, ao enfatizar a capoeira como cultura, a distingue da religião. Ao mesmo tempo, na vivência entre os intelectuais negros brasileiros e estadunidenses, os capoeiristas fundadores da ONG Negro Sim e a comunidade quilombola, o exercício da capoeira conectou os e as capoeiristas do Quilombo a uma comunidade capoeirista e negra transnacional que abre o Quilombo para o mundo, o que possibilitou a conexão entre Nova Iorque e o Quilombo Boa Esperança. Assim, a capoeira assumiu um lugar potente de circulação de saberes que fortalecem territorialidades afrodiaspóricas.

QUANDO O MESTRE É A CRIANÇA

Desde o início, a minha relação com o Quilombo Boa Esperança desafiou os papéis tradicionais que separam o professor, como aquele que ensina, e o estudante, aquele que aprende. Minha chegada ao Quilombo ocorreu quando uma ex-estudante de Gestão Ambiental entrou em contato no final de 2021. Após se formar, ela estava trabalhando na EMATER, auxiliando na assistência técnica a pequenos produtores da região centro-sul. Entre eles, estava a comunidade quilombola de Boa Esperança. Um dos funcionários da Empresa tinha a preocupação de que o Quilombo “perdesse a identidade”. Então, minha

ex-aluna sugeriu meu nome como alguém que poderia ajudar no processo de “resgatar a cultura” do Quilombo.

Cultura e identidade são dois temas muito caros para a antropologia, disciplina a qual me filio. Para ela, as identidades e culturas são construídas como processo na interação entre indivíduos e grupos em seus contextos sociais, históricos, políticos e econômicos. Ou seja, elas não são dadas. Elas não são uma essência, pronta, acabada e definitiva, mas estão em constante processo de elaboração (Hall, 2006).

Por isso, a ideia de que os quilombolas de Boa Esperança estavam a ponto de “perder sua identidade” era, no mínimo, problemática. Quando enunciada por pessoas de fora da comunidade - principalmente brancas -, ela carrega uma conotação negativa, que culpabiliza os quilombolas ao mesmo tempo que escamoteia as violências materiais e simbólicas perpetradas contra os quilombos no Brasil, o Quilombo Boa Esperança, mais especificamente. Muitas pessoas que se propõem a “ajudar” colocam em dúvida a capacidade da comunidade de se gerir e se organizar de acordo com seus próprios critérios, muitas vezes questionando se Boa Esperança é um “quilombo de verdade”. Este questionamento está submerso numa série de estereótipos do que deveria ser um quilombo que deslegitima o processo de auto-identificação dos quilombolas de Areal.

Me coloquei à disposição de minha aluna e demais técnicos da EMATER para conhecer o Quilombo e auxiliá-los no possível. O convite para trabalhar com o Quilombo, juntamente com minha inserção na cena do samba de Três Rios e nas parcerias com a ONG Negro Sim em Paraíba do Sul, marcava a abertura de um novo capítulo na minha relação com o centro-sul fluminense. Embora eu trabalhe na região desde 2009, resido na capital do estado, onde também desenvolvo atividades de pesquisa e extensão. Assim como eu, muitos dos meus colegas de Instituto também não residem no centro-sul fluminense, onde trabalhamos. Além disso, nosso campus faz parte do processo de interiorização das universidades federais, que, no caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mantém muito do poder ainda concentrado no campus sede, localizado na região metropolitana da capital do

estado. Este cenário contribuía para eu manter uma relação limitada e hierarquizada com o centro-sul fluminense, sendo até então incapaz de valorizar os conhecimentos ali produzidos.

Fui levada ao Quilombo pela primeira vez em março de 2022 por minha ex-aluna e um dos técnicos da EMATER para uma reunião com os quilombolas. A reunião aconteceu de tarde nas dependências da escola. Além de nós três, também participaram cerca de 10 quilombolas, entre eles o Sr. Celso, liderança histórica da comunidade, e o contramestre Véza. Entre as demandas levantadas estava a preocupação de garantir que as crianças quilombolas aprendessem sobre a história do próprio Quilombo e do negro no Brasil na escola no Quilombo e também nas outras escolas no município. Na reunião, o técnico da EMATER ocupou um papel de destaque, muitas vezes interrompendo as falas dos quilombolas e propondo os encaminhamentos. Constrangida, me ofereci para ouvir as falas e fazer a ata da reunião. Um dos encaminhamentos foi abrir um grupo de whatsapp onde eu postaria a ata e todos se comprometeram a elaborar um plano de preservação e difusão da memória do Quilombo. As tarefas definidas nesse processo não foram levadas adiante. No entanto, o grupo de whatsapp me permitiu ter contato direto com o Quilombo, sem a mediação dos técnicos da EMATER.

Em conversa com o Sr. Celso, combinamos outras idas minhas ao Quilombo sem depender da EMATER. Em diálogo com a Secretária de Educação de Areal, O sr. Celso solicitou o transporte que me levou do Rio para o Quilombo. Na minha segunda vez no Quilombo, em abril de 2022, o sr. Celso me recebeu na sua casa, que fica no terreno nos fundos da escola. Ele estava acompanhado de uma importante companhia. Além de estar com uma de suas filhas e a esposa, que passaram grande parte do tempo na cozinha cuidando da alimentação, o sr. Celso teve a atenciosa companhia de Ícaro, seu neto. Na época, o menino tinha apenas 3 anos. Enquanto o sr. Celso me recebia na garagem de casa, o menino andava pra lá e pra cá, subindo e descendo do colo do avô, com a intimidade de um experiente escalador que sobe uma familiar montanha. Enquanto desbravava o colo do avô, Ícaro me observava, mantendo o que parecia ser para ele uma distância segura.

Nos primeiro minutos do encontro entre eu, o Sr. Celso e Ícaro, o menino não demonstrou nenhum interesse ou entusiasmo em corresponder minhas tentativas de aproximação. Ele preferiu continuar interagindo com seu avô na garagem ou correr para dentro e fora de casa, onde estavam sua mãe e sua avó. Enquanto eu e o Sr. Celso conversávamos sobre os possíveis desdobramentos da minha primeira visita ao Quilombo, Ícaro continuava circulando livre ao nosso redor, aos poucos se acostumando com minha presença. Em alguns momentos, o menino interrompia a minha fala ou a do avô para nos mostrar seus caminhões de brinquedo ou pedir passagem com seu velocípede. Depois de algum tempo de conversa, o sr. Celso e o Ícaro, me levaram para conhecer o moinho e o tacho, dois instrumentos fundamentais para produzir a rapadura, principal produção tradicional do Quilombo.

Minha terceira visita ao Quilombo novamente foi acompanhada por Ícaro. Dessa vez, fui ao Quilombo acompanhada por um fotógrafo negro residente em Nova Iorque que se ofereceu a fotografar a comunidade e Herbert Seignoret, arqueólogo negro que mencionei anteriormente. Assim que chegamos, Ícaro correu para dentro de casa, de onde saiu carregando um pedaço de cana de açúcar. Me explicou como identificar a raiz da cana, enquanto contava que gostava de ir ao canavial. Num determinado momento, Ícaro pega o celular do avô, pede licença com as mãos para escalar meu colo e me mostra uma foto que, para ele, tem grande importância: ele mesmo andando de trator com o avô. Fiquei muito emocionada com a intimidade do menino em subir no meu colo e ainda compartilhar comigo uma foto que tem um significado para ele. Pedi ao fotógrafo que tirasse uma foto com meu celular desse momento. Ainda emocionada, registrei tamanha emoção na minha página no Instagram. Postei na minha página pessoal minha foto com Ícaro, acompanhada do seguinte texto:

... Ícaro correu para dentro de casa. Saiu com um pedaço de cana na mão. Me mostrou onde era a raiz. Também me contou que adora andar de trator no canavial.

Pouco tempo depois, ele pediu o celular do avô. Pediu licença, sentou no meu colo para me mostrar uma foto. Era ele no trator, no colo de um mais velho, fazendo o moinho mover. Ícaro me explicou como moer cana: a cana entra de um lado inteira e sai do outro exprimida, como bagaço.

Ícaro tem 3 anos. Ele é a quinta geração do Quilombo.
Fiquei pensando na atualidade do conceito de paz quilombola de Beatriz Nascimento. Na paz, o quilombo floresce como ética de vida; como um território que alimenta as memórias do passado que pavimentam o futuro.
Entre o celular e a cana, Ícaro atualiza o Quilombo como prática cotidiana. (conta pessoal no Instagram, 21 de abril de 2022).

Na minha postagem, eu construo um vínculo entre o conhecimento que Ícaro já tem sobre o trabalho de produção da cana e de preparação da rapadura com os conceitos de “quilombo” e “paz quilombola” de Beatriz Nascimento (2018). Nos anos 80, a historiadora negra inaugurou uma nova forma de interpretar os quilombos. Na historiografia da época, os quilombos eram definidos como comunidades negras formadas por descendentes de ex-escravizados que escaparam dos latifúndios coloniais. A autora discutia que esta definição de quilombo se baseia nos documentos históricos escritos pelos colonizadores a partir de seus próprios parâmetros. Estes parâmetros eurocêntricos eram incapazes de reconhecer o quilombo como uma organização negra com princípios filosóficos e éticos particulares, inspirados em organizações societárias africanas. Nascimento enfatizava que os quilombos são uma organização contracolonial que fomenta formas de vida presentes nos quilombos, mas também em outras organizações negras, como as favelas e escolas de samba. Por tanto, o quilombo não é apenas um espaço, mas uma epistemologia, um modo de ver, sentir e viver a vida negra, mesmo nos contextos de exploração e morte. Estas formas de vida, com seus modos de interagir e produzir, eram desenvolvidas não nos momentos de guerra, mas sim, de paz, no que Nascimento chamou de paz quilombola. É justamente a paz quilombola que desafiava o regime colonial, pois construía um regime social, político, econômico e subjetivo contra-hegemônico (PAULA, 2023). Minha interação com Ícaro me fez identificar as sementes da paz quilombola hoje, no Quilombo Boa Esperança.

Na minha postagem no instagram, eu etiquetei a mãe do Ícaro, que fez o seguinte comentário:

Me derramei em lágrimas. Muito obrigada professora Camila, pelo carinho com a nossa comunidade, fico feliz que meu filho tão novo já tenha orgulho pela nossa história e prazer em apresentar ao próximo,

belíssimo texto, sem palavras. Voltem sempre! Temos muito mais a contar.

Nas palavras da mãe do Ícaro, minha postagem despertou nela a emoção de perceber que seu filho já tem conhecimento e orgulho da história do Quilombo. Todas as vezes que fui recebida pelo Sr. Celso e sua família e Ícaro estava presente, ele insistia que o “bobô”, como ele pronunciava “vovô”, me oferecesse uma experiência mais completa da sua vida no Quilombo que não fosse só ficar na garagem de casa, local onde eu sempre era recepcionada. O menino sempre queria me mostrar elementos importantes de sua vida: a cana-de-açúcar, o trator e o moinho.

Como apresentamos anteriormente, a comunidade de Boa Esperança mantém algumas produções de subsistência, entre elas a cana-de-açúcar. O Sr. Celso é descendente das primeiras famílias da comunidade, tendo aprendido com seu avô e pai a plantar cana e a produzir rapadura artesanalmente. O processo de preparação da rapadura envolve plantar e colher a cana, moer a cana para retirar o caldo e cozinhá-lo num grande tacho, estes últimos dois processos usando utensílios da época dos antepassados do sr. Celso. Visitar o moinho e o tacho é central na maneira como o Quilombo se apresenta para quem é de fora. Muitas vezes, Ícaro acompanha seu avô nessas visitas guiadas, quando o Sr. Celso conta a história da rapadura, explica seu processo de preparação e mostra os utensílios ancestrais que ele usa ainda hoje para prepará-la. Assim, Ícaro vai aprendendo e se apropriando da história de sua comunidade vivenciada no dia-a-dia e ressignificada na crescente visibilidade que o Quilombo Boa Esperança tem alcançado localmente hoje.

Numa das visitas que realizei ao Quilombo em setembro de 2022, dessa vez acompanhada por Camila Machado, intelectual negra doutora em Educação, Ícaro fez questão de nos levar ao canavial. Sua mãe e seu avô atenderam o pedido do menino. E eu fiquei feliz por conhecer mais uma parte do Quilombo que eu ainda não conhecia e ainda poder compartilhar essa experiência com outra intelectual negra que estava se dispondo a colaborar com o Quilombo. Orgulhoso, Ícaro tomou a dianteira do grupo, abrindo a

passagem para nós, os adultos. Ele fez questão de nos mostrar que havia no canavial dois tipos de cana-de-açúcar diferentes, uma clara e uma roxa. Depois de nos mostrar as duas, ele pediu para seu avô cortar um pedaço de cana para ele levar para casa. O avô atendeu o pedido do neto. No caminho de volta, o menino liderou novamente o grupo dos adultos, agora carregando nos ombros os pedaços de cana que seu avô cortou.

Além de liderar o grupo no canavial, nas várias vezes que fui ao Quilombo, Ícaro me mostrou como se opera o moinho de cana, como se usa o tacho tradicional e como se opera o trator. Enquanto o menino brinca, ele também me ensina elementos importantes que mantêm Boa Esperança unida em comunidade que luta cotidianamente pelo direito à terra e à identidade. Sempre que comento com o Sr. Celso sobre como me impressiona o quanto de conhecimento que Ícaro já tem sobre a vida no Quilombo mesmo sendo tão pequeno, o avô reforça que Ícaro aprende muito enquanto o observa. Ele também pondera que consegue passar muito mais tempo com o neto do que conseguiu passar com seus próprios filhos, o que torna a transmissão de conhecimento de avô para neto um processo contínuo. Enquanto seu pai trabalha fora do Quilombo, como grande parte dos adultos da comunidade, Ícaro tem a chance de acompanhar o dia-a-dia de trabalho e militância do avô. Assim, o neto cotidianamente aprende, na prática, o que é ser quilombola.

Como uma mulher negra que cresceu na periferia do Rio de Janeiro, tive poucas oportunidades ao longo da vida de me conectar com a vida no campo. Uma das poucas experiências foi durante a graduação quando participei de um projeto de pesquisa num assentamento do Movimento dos Sem Terras em Campos dos Goytacazes, onde estudei. Eu e outros estudantes aplicamos questionários aos assentados sobre suas condições de vida e produção. Embora muitos dos assentados fossem negros, o assentamento era construído em torno da identidade camponesa. A questão racial não era enfocada nem pelos assentados nem pelos pesquisadores que coordenavam a pesquisa.

Construir uma relação com o Quilombo Boa Esperança tem múltiplos significados para mim. Primeiramente, me dá a oportunidade de vivenciar um pouco da vida no campo, onde humanos e não-humanos interagem de maneira

muito mais fluida e contínua do que no espaço da cidade. Cada vez que vou ao Quilombo, me surpreendo com a minha profunda inabilidade de trilhar caminhos não-pavimentados e meu desconhecimento sobre plantas, frutos e animais. Por outro lado, fico fascinada com a abundância de formas de vida que co-existem naquele território, mesmo aquelas que me causam temor, como alguns insetos. Quase sempre que visito o Quilombo, volto para casa com frutas e verduras produzidas pelos quilombolas em seus terrenos e quintais. Grande parte dessa produção não é realizada para ser comercializada, mas sim consumida para subsistência. Levar estes alimentos para minha casa no Rio de Janeiro, capital, é ter, na cidade, uma lembrança cotidiana das possibilidades de vida que o Quilombo nutre.

Sair das quatro paredes da universidade para o Quilombo me dá a oportunidade de aprender vivendo minha negritude, não como uma essência, mas como um devir cotidiano. A relação de ensino e aprendizado construída entre o Sr. Celso, avô, e Ícaro, o neto, demonstra as possibilidades pedagógicas que o vínculo intergeracional pode fomentar, tendo como base não teorias abstratas e eurocêntricas, mas a realidade prática e a experiência de vida territorializada. Tal relação oferece a Ícaro as condições para que ele assuma o papel de compartilhar comigo seus desejos e gostos, como me levar ao canavial, me mostrar o trator e o moinho. Ao fazê-lo, o menino de 3 anos se torna o professor, enquanto eu, a professora universitária, com graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, me torno a aluna. Na interação com Ícaro, tenho a chance de romper as hierarquias entre saber formal e saber popular, adulto e criança tão enraizadas na cultura moderna.

Ao propor o que denominam como uma educação “denegrada”, Lima e Nascimento (2022) impulsionam uma ressignificação da infância, alinhada com os valores civilizatórios afro-brasileiros (Trindade, 2013). Sendo o axé como energia vital um desses valores, as autoras entendem a infância como a fase da vida em que o axé abunda. Ao reconhecer as crianças como sujeitos repletos de axé, elas pensam a infância como um estado e condição em que os corpos se abrem para um encontro com o mundo por meio da curiosidade, atenção e cuidado (Lima Apud Lima E Nascimento, 2022) como uma “energia

vital que renova a existência” (p. 11) que não seria exclusiva às crianças. É interessante notar que, na Antropologia, é muito comum os pesquisadores narrarem seus primeiros contatos com o grupo com o qual realizaram sua pesquisa como se fossem uma criança para aquele grupo. Curiosamente, um dos primeiros trabalhos antropológicos que li na faculdade foi o capítulo “Pesquisa de campo: uma criança no mundo”, de Anthony Seeger. No texto, o antropólogo estadunidense conta como iniciou o trabalho de campo etnográfico com os Suyá, grupo étnico indígena do centro-oeste brasileiro. No texto, o autor compartilha seu processo de inserção no grupo, o que lhe exigiu aprender elementos básicos do cotidiano Suyá, como aprender o idioma e ser capaz de garantir o próprio alimento. Por isso, o grupo colocou Seeger para viver entre as crianças. Assim como elas, ele precisava aprender as habilidades essenciais para viver naquele território.

Obviamente que entre o antropólogo estadunidense de Nova Iorque homem branco que viveu entre os Suyá nos anos 70 e eu, uma antropóloga negra brasileira da periferia do Rio de Janeiro sendo acolhida no Quilombo Boa Esperança na segunda metade da década de 2000, tem uma grande diferença. Ainda assim, meu treinamento como antropóloga me ajudou a desenvolver a sensibilidade de observar os conhecimentos produzidos para além da universidade, títulos e artigos. Por outro lado, “denegrir” a antropologia na qual fui formada se mostrou uma urgência na minha trajetória, principalmente depois de vivenciar uma experiência de racismo enquanto realizava um trabalho de campo (---). Por isso, ser acolhida pelo Quilombo Boa Esperança detém um significado para mim que potencializa minha auto-percepção como pessoa negra num mundo que, sistematicamente atribui a mim e aos quilombolas um lugar de subalternidade. Esta relação entre nós ultrapassa os manuais da Antropologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como intelectual negra trabalhando num campus fora da sede, resultado da interiorização da universidade, minha relação com a região centro-sul e as microrrelações de poder do campus onde atuo me levaram a passar muitos

anos sentindo uma grande hostilidade em trabalhar no interior. Ao longo dos quinze anos que trabalho nesse campus, presenciei um grande número de colegas que iniciaram suas carreiras lá, mas alguns anos depois conseguiram transferência ou aprovação em concursos para outras universidades mais próximas à capital do estado. Assistir tantos professores chegando e indo embora me deixava com a sensação de que eu estava sendo deixada para trás, ficando sozinha. Me conectar com o Quilombo Boa Esperança tem me possibilitado ressignificar minha presença na região centro-sul fluminense. O Quilombo me oferece acolhimento que eu nunca havia recebido em nenhum espaço acadêmico, já que este é marcado pela competição e, muitas vezes, reproduz o racismo contra corpos como o meu os deles.

Aprender sobre a produção de cana e rapadura com o Ícaro e seu avô e testemunhar a prática da capoeira no Quilombo como pedagogias contracoloniais me permite vivenciar uma outra relação de ensino e aprendizagem. Nela, eu sou autorizada a aprender sem que minha capacidade intelectual seja colocada em dúvida, tendo meu corpo, mente e emoção conectados. Ao mesmo tempo que os quilombolas me ensinam, eles também reconhecem que minha formação acadêmica tem elementos que podem ser aprendidos por eles. Assim, nós construímos uma possibilidade em que todos nós aprendemos e ensinamos como forma de potencializar nossas negritudes. Além disso, me aproximar do Quilombo Boa Esperança também tem me possibilitado participar do combate aos estereótipos que circulam na região, inclusive na universidade, na mídia local e órgãos públicos sobre o Quilombo como um lugar de carências, escassez, falta de projeto de vida.

Parte desse combate inclui elaborar projetos participativos entre o Quilombo e pesquisadores, principalmente negros, que potencializam a luta e a vida dos quilombolas de Boa Esperança e também convidar os quilombolas para ocupar o espaço da universidade em palestras e mesas redondas, como a que realizei em julho de 2023, em comemoração ao dia da mulher negra-latino-americana e caribenha. Assim, me conectar com o Quilombo tem representado para mim encontrar um novo sentido na minha presença na universidade, que potencializa tanto minha identidade negra dentro e fora da

academia, inspira os e as estudantes e fortalece o Quilombo como território de vida. Juntos, expandimos os sentidos da pedagogia engajada, que, baseando-se no compartilhar de saberes e afetos numa perspectiva negra para além da universidade, envolve estudantes, professores e comunidade na articulação integral entre ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha, MATTOS, Hebe. Remanescentes das comunidades dos quilombos: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. *Habitus*, v. 7, n.1/2, p. 265-288, jan./dez. 2009

BISPO DOS SANTOS, Antônio (Nego). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº**

16/2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12/2012.

CARMO, Ione Maria. *“Religião é uma coisa, cultura é outra”: herança Banto e pentecostalismo na construção da identidade quilombola na comunidade negra da Rasa (1998-2018)*. Tese (doutorado) em História. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em História. Rio de Janeiro, 2019. 220 f.

CAVALLEIRO, Eliane. **O papel de alunos e professores**. In: BRANDÃO, Ana Paula. *A cor da cultura - Saberes e fazeres v. 1: modos de ver*. Ana Paula Brandão (coord) Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, p. 91-96, 2006.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LIMA, Camila M.; NASCIMENTO, Geisa Ferreira do. Currículo na Educação Infantil e a emergência de teorização negra para o trabalho pedagógico com as infâncias. *Itinerarius Reflectionis*, v. 18, n. 3, p. 01–20, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/69722>. Acesso em: 24 maio. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento: Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, Otair F. Referências culturais afro-brasileiras: questões para estudos sobre preservação cultural. **Revista da ANINTER**, v.1, n.1, p. 10 -29, 2024

PAULA, Fran. **Paz quilombola: agricultura e alimentação.** Disponível <https://www.agriculturaancestral.com>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

PEREIRA, Vinícius. Cultura educação e patrimônio: um olhar sobre a proposta do programa mais educação para introdução da capoeira no espaço escolar. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 8, n. 18, p. 392-412, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/58>. Acesso em: 28 maio. 2024.

SEEGER, Anthony. **Pesquisa de campo: uma criança no mundo.** In: *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, p. 25-40, 1980.

TRINDADE, Azoilda L. da. **Valores Civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil.** In: TRINDADE, A. L. da. (Org.) *Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro*. Rio de Janeiro: TV Escola /MEC, 2013.